

DISCURSOS DE PROFESSORAS SOBRE OS CORPOS DE MENINAS E MENINOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Eixo Temático 21 – Gêneros e Sexualidades nas Infâncias

Letícia Romero de Carvalho ¹
Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi ²

RESUMO

O texto apresenta resultados de uma pesquisa que objetivou conhecer os discursos de professoras de creche sobre a educação dos corpos de meninas e meninos na Educação Infantil, bem como verificar se na formação inicial das profissionais existiram estudos sobre gênero e sexualidade voltados ao trabalho pedagógico. Os resultados apontam para a necessidade de formação docente que contemple a discussão e sensibilize o olhar das(os) profissionais sobre as sutilezas que existem na opressão dos corpos das crianças na escola, pois a depender da atenção dada ao tema, o espaço escolar pode se tornar tanto um ambiente promotor de respeito e contrário aos preconceitos ou, longe disso, potencializador de amarras sociais que perpetuam e acentuam relações de poder patriarcais e sexistas.

Palavras-chave: Gêneros nas infâncias; Educação Infantil; Formação de professores(as); Corpo; Culturas visuais.

INTRODUÇÃO

Realizada por meio do Programa de Iniciação Científica e Tecnológica (CoPICT), de dois módulos da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Licenciatura em Pedagogia e em debates no Grupo de Pesquisa sobre Infância, Arte, Práticas Educativas e Psicossociais (GIAPE), instâncias da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), a pesquisa

¹ Graduada pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba – UFSCar. Professora da Secretaria Municipal de Educação de Paulínia, S.P. / Grupo de Pesquisa sobre Infância, Arte, Práticas Educativas e Psicossociais (GIAPE). leticiaarvalho23@gmail.com

² Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Professora da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba – UFSCar. / Grupo de Pesquisa sobre Infância, Arte, Práticas Educativas e Psicossociais (GIAPE). lucialombardi@ufscar.br

qualitativa de caráter bibliográfico e com inserção de campo objetivou conhecer os discursos de professoras sobre a educação dos corpos de meninas e meninos na Educação Infantil, bem como verificar se na formação destas profissionais existiram espaços e tempos de conscientização sobre a importância de se trabalhar esse tema.³

As discussões e resultados revelam que a naturalização da binarização de gêneros é um dos mecanismos de reforço dos estereótipos, sendo os artefatos da cultura visual ferramentas indispensáveis à biologização das maneiras de ser e estar no mundo. Apesar disso, meninas e meninos encontram modos de transgredir regras e não se conformar com normas pré-estabelecidas sobre seus corpos, imposições culturais e sociais de gênero que limitem ou determinem suas relações. O papel do(a) educador(a) emerge como indispensável à construção do respeito e da valorização de todas as formas de existir, sendo necessária a inclusão da temática do gênero e da sexualidade nos cursos de formação de professores(as).

METODOLOGIA

A pesquisa é de natureza qualitativa e caráter bibliográfico com inserção de campo (MALHEIROS, 2011). A revisão da literatura, a qual pode ser averiguada em Carvalho (2020), foi realizada em três bases de dados: na Scientific Electronic Library Online SciELO (<https://scielo.org/>), no Portal da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo (<https://www.teses.usp.br/>) e no Repositório Institucional da UFSCar RI-UFSCar (<https://repositorio.ufscar.br/>). Os discursos de três professoras da rede municipal da cidade de Sorocaba, S.P. sobre as questões de gênero na Educação Infantil foram analisados por meio de um questionário por *e-mail*, perguntando sobre: concepções de qualidade na Educação Infantil; suas formações iniciais para o trabalho com a questão de gênero; valores sobre a criança pequena, aspectos culturais no brincar e nas brincadeiras de meninos e meninas; atitudes e padrões de comportamento de meninas e de meninos; opressão dos corpos na escola; papel das famílias. A forma virtual de aplicação do questionário foi definida em razão do contexto em que a pesquisa foi realizada, em meio à pandemia causada pela Covid-19. Diante desse contexto, o questionário passou a ser a melhor forma de escutar sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, saberes e aspirações (GIL, 2008) das professoras, que foram escolhidas porque a primeira autora desse trabalho, enquanto residente bolsista do “Programa Residência Pedagógica (PRP)”, atuou em suas salas de aula. Para preservação das identidades,

³ O resumo expandido é resultado de pesquisa sem financiamento, realizada por meio do Programa de Iniciação Científica e Tecnológica (CoPICT) da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFSCar, com início em 01/08/2019, na modalidade “sem remuneração”.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

foram utilizados nomes fictícios: Diana (56 anos), Joana (39 anos) e Ângela (35 anos). As questões e leitura dos dados podem ser acessadas na íntegra em Carvalho (2020). Foram construídas perguntas abertas, que permitissem às participantes responderem livremente, usando linguagem própria e com ampla liberdade de fala.

REFERENCIAL TEÓRICO

Aportes teóricos de autoras como Daniela Finco (2007, 2010), Guacira Lopes Louro (1997, 2019), Cláudia Vianna e Daniela Finco (2009) e Susana Rangel Vieira da Cunha (2010, 2011) contribuíram para a compreensão de aspectos como: temática da educação dos corpos femininos e masculinos na Educação Infantil; questões de poder envolvidas nas relações no ambiente escolar; perspectiva pós estruturalista em relação a gênero e educação; relações entre Cultura Visual, os inúmeros artefatos que reforçam marcadores de gênero e influenciam como as crianças se constituem; e cotidiano escolar como um campo de pesquisa que deve reconhecer as crianças como as principais interlocutoras, instigadoras e propulsoras dos questionamentos docentes. Outras fontes de pesquisa foram identificadas por meio do processo de revisão da literatura, mencionado em “Metodologia”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Naturalização da binarização de gêneros

Quando algo é tido como natural, entende-se que seja imutável e inerente. Processos culturais envolvidos desde o nascimento de um bebê podem desconsiderar a complexidade da construção da identidade e, de maneira determinista, impor papéis sociais a serem seguidos a partir do corpo demarcado por binarizações de sexo e de gênero, determinando a inserção da pessoa a culturas consensuadas, a partir de expectativas de adultos, que fazem parte da forma como uma determinada sociedade concebe o que significa ser menino e ser menina (FINCO, 2010, p.106).

À menina é imposto um identificador instantâneo, o brinco, com objetivo de apresentá-la como menina e negar qualquer característica que se aproxime daquelas impostas a um menino. Tomadas como inatas e biológicas, estas demarcações não são questionadas em termos da autonomia e do direito de escolha daquela criança. Segundo Cunha (2011, p. 90), “um inofensivo marcador como a cor da roupa infantil cumpre a função de representar, nomear, situar, identificar, etiquetar e traduzir os sujeitos femininos e masculinos entre si e para os outros”. A biologização como único caminho reiterado de entendimento da feminilidade e

masculinidade desde que uma criança nasce faz com que suas escolhas independam de seus reais desejos e sejam pautadas por repertórios impostos.

Uma das motivações para que a reafirmação dos estereótipos de gênero seja instaurada é a manutenção das relações de poder. Papeis impostos têm intencionalidades, dentre as quais, a de manter as estruturas sociais da forma como as conhecemos, privilegiando homens brancos e ricos. Joan Scott (1995) a isto se refere como uma forma primária de dar significado às relações de poder, maneira de naturalizar as desigualdades e injustiças para que não sejam questionadas ou modificadas. Para Louro (1997, p. 36), a supremacia social masculina e a subordinação feminina são explicadas como sendo de algum modo inevitáveis ou preferíveis.

A padronização do feminino e do masculino faz ainda com que aqueles(as) que fogem às normativas sejam considerados(as) anormais. A diferença é vista como um problema em uma sociedade que iguala e dificulta mudanças que dariam visibilidade a grupos apagados socialmente. Conforme Louro (1997, p.34), “supõe ignorar ou negar todos os sujeitos sociais que não se ‘enquadram’ em uma dessas formas”.

Mecanismos dos estereótipos

Compreendendo que as características que constroem a identidade de crianças pequenas são produzidas por culturas que atendem a expectativas de adultos(as), a partir de uma concepção que tem a intenção de manter estruturas sociais que privilegiam determinada classe, raça, sexo, gênero e orientação sexual (FINCO, 2010; LOURO, 2019), é preciso refletir sobre quais mecanismos perpetuam este cenário e quais caminhos podem favorecer a quebra de ciclos que estereotipam corpos e comportamentos.

Finco (2010, p. 27) afirma que “se ser menina e ser menino fosse apenas uma construção biológica, não seria necessário tanto empenho para defini-los rotineira e reiteradamente como tal”. Dentre as ferramentas produtoras desta definição estão os artefatos da cultura visual. De acordo com Cunha (2011), crianças são expostas, desde o seu nascimento, a ambientes, brinquedos, histórias, programas de TV e roupas que alimentam seus repertórios com estereótipos de gênero. Cunha (2011, p.38) afirma:

Desde muito cedo podemos observar que as pedagogias visuais atuam sobre as crianças: os quartos dos bebês já os esperam com as cores que socialmente convencionamos atribuir aos meninos e meninas; as mamadeiras são adornadas por carros velozes ou flores; o móvel acima do berço também é repleto de figuras, formas, cores que previamente foram instituídas para cada gênero. [...] (CUNHA,

Compreende-se que os repertórios oferecidos às crianças constroem seus imaginários (VIGOTSKI, 2018) e que são estes que orientam suas brincadeiras. Quando



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

são ofertadas opções limitadas e estereotipadas a meninas e meninos, limita-se também a maneira como interpretam o mundo, assim como constataram Kishimoto e Ono (2008, p. 210), quando afirmam que “nos processos de socialização e formação da identidade das crianças constroem-se práticas de escolha de brinquedos e de brincadeiras por gênero e por sexo e criam-se os estereótipos”.

Análise dos discursos das professoras

Os discursos de professoras de Educação Infantil confirmaram e complementaram a literatura estudada. As três professoras têm licenciatura em Pedagogia e não tiveram formação para trabalhar com gênero e sexualidade na escola. Sobre formação docente nesta disciplina, Juliana Rizza (2015) verificou que o curso de Pedagogia aparece como privilegiado no debate, por ser um dos que aciona mais fortemente essa temática, ofertando mais disciplinas. Apesar disso, há necessidade em se ampliar esta oferta, pois por vezes, a formação do(da) pedagogo(a) para trabalhar as questões de gênero é superficial (CARVALHO, 2020, p. 52).

Apesar da lacuna na formação das professoras participantes, uma delas observa uma estratégia bastante utilizada por adultos(as) para moldar comportamentos a partir de suas expectativas: a vigilância. Joana evidencia isso na seguinte resposta:

[...] já atendi mãe de aluno querendo saber se o filho brinca com as brincadeiras de menina na escola... justificando que a família está ensinando o “certo” e muitos ficam de olho no comportamento da criança, era claro o desespero da criança com o questionamento da mãe.

Sobre as brincadeiras e os brinquedos, as expectativas e a vigilância se fazem presentes anteriormente à questão da segregação por gênero. Adultos(as) percebem as crianças como sujeitos a serem controlados e submetidos a regras e normas adultocêntricas e isso é observado na fala de Diana quando salienta que as crianças podem brincar com os brinquedos “desde que o que ela quiser seja brincável”. Ângela afirma que “deve haver momento para tudo, momento dirigido com as propostas definidas e momento livre onde as crianças possam escolher como querem brincar”, demonstrando que as crianças têm suas opiniões valorizadas quando a educadora acha apropriado. É essencial compreender a importância do brincar para as crianças para que esta dimensão não esteja atrelada às vontades e expectativas de adultos(as) que priorizam suas visões de mundo. Pensando em construir pedagogias participativas com meninas e meninos, devemos refletir sobre crenças que ditam normas a partir de lógicas adutocêntricas tais como sobre o que é “brincável”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As conclusões apontam para o fato de que a escola não é a única instituição que cria estereótipos, determina e limita as maneiras de existir, mas ela pode ser promotora de possibilidades para corpos que se percebam livres. Para tanto, se faz necessário percorrer um caminho de desconstruções históricas, sociais e culturais na formação docente, daquilo que produz modelos sobre as formas como concebemos as questões de gênero e sexualidade. A pesquisa verificou a necessidade de atitudes que percebam a não-neutralidade da educação, compreendendo que a criticidade sobre os fazeres pedagógicos abarca saber respeitar as maneiras como meninos e meninas percebem seus corpos e expressam suas formas de ser e estar no mundo e que, para isso, é preciso saber criar oportunidades para que as crianças sejam protagonistas, agentes e livres para fazer escolhas.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Letícia Romero de. *Discursos de professoras sobre os corpos de meninas e meninos na Educação Infantil*. 2020. 63 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de São Carlos campus Sorocaba, Sorocaba, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/13770> Acesso em: 20.julho.2022

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. *As infâncias nas tramas da cultura visual*. In: Martins, Raimundo e Tourinho, Irene (orgs.). *Cultura visual e infância: quando as imagens invadem a escola*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2010, p. 131-161.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. *Representações visuais de meninos e meninas: Relações entre imaginário e gênero*. Relatório de pesquisa. 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/25856658/Representa%C3%A7%C3%B5es_visuais_de_meninos_e_meninas_Rela%C3%A7%C3%B5es_entre_imagin%C3%A1rio_e_g%C3%AAnero_RELAT%C3%93RIO_FINAL_2011 Acesso em: 20.julho.2022

FINCO, Daniela. *A educação dos corpos femininos e masculinos na educação infantil*. In: Faria, Ana Lúcia Goulart (org.). *O coletivo infantil em creches e pré-escolas: falares e saberes*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 94-119.

FINCO, Daniela. *Educação infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças: análise das interações entre professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero*. 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/T.48.2010.tde-20042010-135714.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

KISHIMOTO, Tizuko Mochida; ONO, Andréia Tiemi. *Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca*. ProPosições, Campinas, v. 19, n. 3, p. 209-223, Dec. 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-73072008000300011>>. Epub 17 Set 2010. ISSN 1980-6248. <https://doi.org/10.1590/S0103-73072008000300011>.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Uma perspectiva pós estruturalista
Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ, Vozes, 1997. p. 14-87.

MALHEIROS, Bruno Taranto. *Metodologia de Pesquisa em Educação*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

RIZZA, Juliana Lapa. *A sexualidade no cenário do ensino superior: um estudo sobre as disciplinas nos cursos de graduação das universidades federais brasileiras*. 2015. 217 f. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande. 2015. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/6008> Acesso em: 19.julho.2022.

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. *Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder*. **Cad. Pagu**, Campinas , n. 33, p. 265-283, Dec. 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-83332009000200010>>. Epub 01 Fev 2010. ISSN 1809-4449. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332009000200010>.

VIGOTSKI, Lev. S. *Imaginação e criação na infância*. Tradução de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

SCOTT, Joan. (1995). *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. *Educação & Realidade*, 20 (2), 71-99.